

APROPRIAÇÃO DA ESCRITA POR MEIO DE UM OLHAR LITERÁRIO: COMO DESPERTAR UM LEITOR NA ERA VIRTUAL?

Adileusa N. Moura¹

Introdução

Constantemente, ouvia-se pelos corredores da escola que os alunos não gostavam de ler, não sabiam escrever, nem falavam corretamente, e que, a cada dia, aumentava seu desinteresse pelos estudos e pela escola. Havia, também, alguns que adoravam estudar, entretanto, sentiam-se desmotivados e não acreditavam que poderiam ler, interpretar e discutir Eça de Queirós, Miguel de Cervantes e Shakespeare, por serem alunos de escola pública.

Eram alunos que viviam sem perspectivas, demonstravam um comportamento agitado e indisciplinado, por desvalorizarem a leitura, acreditarem que não valia a pena ler e que “leitura não leva a nada”. Sem se mencionarem os celulares, dos quais os estudantes não se desprendiam, fato que gerava conflitos com a coordenação e em sala de aula, mesmo que seu uso fosse proibido na escola. Em casa, as mães estavam a ponto de perder o controle da situação, por não saberem lidar com essa fase tão rebelde, enquanto a escola prende-se a questões burocráticas e descontextualizadas que enfatizam o uso do livro didático.

O que fazer com ou do texto literário em sala de aula é uma questão que se fundamenta, ou deveria fundamentar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado nas discussões pedagógicas. (LAJOLO, p. 16). Todas essas questões que inquietavam os professores, pais e comunidade escolar foram a base do projeto de leitura aqui exposto. A proposta buscava uma forma de vencer barreiras e dificuldades apresentadas na escrita e interpretação de pequenos textos, colocando-se como uma iniciativa multidisciplinar que dialogava com a realidade dos alunos. Desta forma, surgiu o projeto de leitura e escrita cujo foco é a realidade e o contexto histórico de todos os alunos, pois, segundo Lajolo (idem) “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.”

Assim, os professores da área de código e linguagem chegaram à conclusão de que deveriam fazer algo urgente e novo na escola que modificasse o comportamento dos alunos: uma decisão inovadora que, de forma dinâmica, envolvesse os alunos, melhorando o desempenho escolar e transformando seu comportamento. Seria necessária também uma prática com metodologia que despertasse o gosto pela leitura e escrita. Tais mudanças, certamente, contribuiriam para a melhora do processo de ensino e aprendizagem da leitura, se selecionadas de acordo com o interesse de cada aluno e se enfatizassem a importância do texto de modo histórico e cultura, pois cada texto, mesmo em séculos diferentes, tem a importância necessária para o leitor e para a sociedade a que ele pertence.

A importância de conhecer o público alvo

O que está em jogo no discurso da literatura sobre a literatura não é somente a historicização das categorias que consideramos espontaneamente como universais, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que

¹ Professora graduada em Letra/Língua Portuguesa e Literatura, formada pela Faculdade de Humanidade Pedro II - Pós-graduada em Literatura e Cultura. Atualmente, pertence ao quadro efetivo da EEEFM Bernardo Horta – Irupi - ES. Coordenadora do projeto Leitura na Escola. E-mail: adileusaneves@yahoo.com.br.

se refere à relação do leitor com o texto e, finalmente, à própria identidade deste leitor. (CHARTIER, p. 207)²

Assim, para dar início ao trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa no sentido de saber quem são os alunos regularmente matriculados e quais as inquietações que os acompanham em relação ao ato de ler, considerando também as dificuldades e barreiras encontradas tanto na escola quanto dentro e fora do ambiente escolar. Foi uma maneira de se perceber, de forma real o motivo dos alunos não gostarem de ler e qual o motivo do distanciamento literário. Portanto, foi realizada uma análise para conhecimento do público alvo e da escola e verificou-se todo o contexto da instituição de ensino EEEFM “Bernardo Horta”, situada no centro de Irupi-ES, na região do Caparaó. Uma escola de grande porte que, no momento, encontra-se em reforma. A instituição atende um total de aproximadamente mil alunos, distribuídos nos turnos matutino, com 15 turmas; vespertino, com 10 turmas e noturno, com 14 turmas. Destes, 375 alunos estão matriculados no Ensino Médio; 454, no Ensino fundamental e 79 matriculados na EJA (1º segmento), contemplando, na Educação especial 11 alunos, dentre os quais há surdos, alunos com deficiência intelectual e alunos com baixa visão. A escola conta atualmente com o quadro docente de 70 professores e 22 funcionários, incluindo os auxiliares de secretaria escolar, agentes de suporte educacional e serventes.

A escola atende uma clientela de nível socioeconômico médio, contendo alunos da zona rural e urbana, e conta com a participação da comunidade local bem como da família nas atividades desenvolvidas. Porém os alunos que moram na zona rural estudam no período matutino e não dispõem de horário de estudo fora da escola, pois ajudam os pais na atividade rural; já os alunos da zona urbana ficam sob a responsabilidade de ajudantes ou avós, que não exercem muita autoridade sobre eles. Percebe-se que a escola teria que articular uma maneira de desenvolver as atividades em sala de aula ou em horário escolar. Logo, deveria existir um diálogo entre todas as disciplinas, o que obrigaría a reforma do currículo para que o aluno não saísse prejudicado em nenhuma disciplina.

O projeto teve os seguintes objetivos: promover o gosto pela leitura; desenvolver a criatividade, a reflexão e a escrita dos alunos; despertar a autoestima por meio de conhecimentos que possam valorizar o homem, que deve ter argumentos para discutir temas relacionados à vida social, política educacional e econômica; criar oportunidades para desenvolver a escrita por meio de debate com temas retirados dos livros; oportunizar a leitura de diferentes gêneros e a aprendizagem de escrita de crônicas, contos e poemas; desenvolver o raciocínio lógico. Enfim, buscou-se tentar modificar o comportamento dos alunos dentro e fora do espaço escolar via leitura.

O projeto foi realizado no período de 10 de março a 16 de agosto, no ano de 2014, e envolveu os alunos do Ensino Fundamental e Médio. Os professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia, Sociologia e Filosofia, dos turnos matutino e vespertino se reuniram para articular e montar as atividades. No primeiro momento, houve o levantamento dos materiais e obras literárias necessários às atividades diferenciadas que seriam realizadas no decorrer do projeto. Os materiais variariam de acordo com as atividades propostas no decorrer dos trabalhos, sendo necessários: TNT, cartolina, tintas, EVA, rolos, fio de náilon, pistola de cola quente, bastão de cola quente, grampeador de madeira; os livros utilizados para leitura durante todo o projeto foram: *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes); *A Revolução dos Bichos* (George Orwell); *O Cortiço, Casa de Pensão, O Mulato* (Aluísio de Azevedo); *Bisa Bia, Bisa Bel, Abrindo Caminho, Esta força estranha* (Ana Maria Machado); *O Garimpeiro e O Seminarista* (Bernardo Guimarães), *Recordar é Viver* (Cecília Fernandes); *O Gato Verde* (Ilvan Filho); *Viuvinha, Cinco Minutos, O Guarani e Senhora* (José de Alencar), *Viagem ao Centro*

² Conferência proferida por Roger Chartier, em 5 de novembro de 1999, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que abriu o debate com João Adolfo Hansen.

da Terra e 20 mil Léguas Submarinas (Júlio Verne), entre outros. As atividades foram planejadas de acordo com um cronograma, sendo realizadas nas seguintes etapas: 1^a – leitura de dois livros específicos; 2^o – assistir aos filmes estabelecidos; 3^o – leitura de textos de revistas; 4^o – escolher um autor e ler três livros deste.

Tanto na Antiguidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituem tal instituição. Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a ideia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontrar em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. (CHARTIER, p. 198)

Para que a relação entre a obra ao leitor fosse adequada, foi necessário distribuí-las por séries e de acordo com o nível de escolaridade, respeitando a modalidade de ensino e dialogando sempre com outra disciplina.

1^a etapa – Distribuição dos livros: *A Revolução dos bichos*, de George Orwell (8^a série), *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1º Ensino Médio) e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (2º Ensino Médio). Todos os alunos teriam que ler e quem não tivessem acesso à literatura impressa, poderia receber o texto através de mensagem de texto via celular, uma vez que a escola não teria exemplares da obra para atender a todos os alunos. Essa etapa do trabalho teve como objetivo incentivar os alunos à leitura, apresentando-a, de forma dinâmica e com a utilização de tecnologia. Buscaram-se, assim, práticas diferenciadas, utilizando o celular como um aliado do processo ensino-aprendizagem, visto que os alunos eram de diferentes classes sociais e que o celular estava presente em todos os lares.

Durante o trimestre, cada professor envolvido discutia um capítulo com os alunos, fazendo um paralelo entre disciplina/realidade/obra literária. Como exemplo: em Língua Portuguesa, a questão de interpretação textual de um determinado capítulo; em Artes, a ilustração de um determinado personagem e a representação dele na sociedade; em História; a relação de poder no momento da União Soviética nas mãos de Stalin e, em Geografia, a localização da Rússia.

Com a obra de Cervantes, *Dom Quixote*, por exemplo, foi desenvolvido um debate com os alunos cujo tema foi “Ironia ou Crítica Literária?” – e, após o trabalho, houve um café literário promovido por eles mesmos, no qual foram apresentados os desenhos, ilustrados nas aulas de Arte, e a interpretação que tiveram sobre a obra, trabalhados desenvolvidos interdisciplinarmente.

2^a etapa – Nesta etapa, os alunos assistiram ao filme *O nome da Rosa*, de Umberto Eco. Essa tarefa tinha como objetivo envolver os alunos e informá-los a respeito da visão histórica do livro e da leitura: o poder que a Igreja exercia sobre a sociedade no século XIV, a proibição da leitura, o livro materializado e a evolução que teve desde o pergaminho até hoje com os e-books, a força da elite medieval e os servos (revisão nas aulas de História); a inquisição e a atitude dos servos em não questionar as decisões tomadas pelo grupo dominante. Em seguida, foi realizado um debate sobre o filme, mostrando a importância e a evolução do livro.

Os alunos se envolveram de forma crítica, interpretaram as questões sociais que envolvem as atitudes das pessoas na sociedade, fazendo com que todos aceitem certos padrões de comportamento sem os questionar e, assim, perceberam que se trata de um fator histórico cultural. Após esse momento, fez-se uma análise e uma discussão em relação à leitura e ao filme e eles perceberam que não há, na sociedade, um efetivo trabalho para incentivar a leitura. Foi percebido, quando os alunos assistiram ao filme *O nome da Rosa* e leram a obra literária de Cervantes, por meio de um olhar sobre o processo histórico cultural das sociedades que a ideia de que “ler faz mal” resultou no atraso literário da sociedade.

3^a etapa – Nessa etapa, com o objetivo de levar os alunos a familiarizarem-se com os diferentes gêneros literários, foram trabalhados dois textos retirados de revistas de grande circulação. Assim foram escolhidos os textos: “Analfabetos Voluntários”, onde se lê que: “Quem não lê nem escreve nunca, embora saiba como fazer as duas coisas, não tem realmente nenhuma vantagem prática em relação a quem não sabe ler nem escrever – como ensina Mark Twain, não vale mais do que um analfabeto puro, simples e legítimo. (GUZZO, *Veja*, 11/06/2014, p. 100-101); e o texto de Lya Luft, “Aulas de Mediocridades” (*Veja*, 21/05/2014, p. 24). Esses artigos contribuíram de forma atual e motivadora, levando os alunos a conhecerem e assim diferenciarem os diferentes tipos de textos.

Essa etapa foi finalizada com uma mesa redonda, com os seguintes tópicos em discussão: “Eu não leio porque não quero ou a sociedade não quer me ver como um leitor?” – “Como devo proceder: aceitar e ficar em uma zona de conforto ou transformar-me em um cidadão questionador?”. Essa discussão aconteceu nas salas, envolvendo os alunos; cada um falou sobre o que agora pensam sobre leitura e escrita e conscientizaram-se de que sua postura perante a leitura era por falta de conhecimento.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado despertar vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (Vigotski, 1999a, p. 118).

4^a etapa – Nesta etapa, o aluno já se encontrava pronto e a mediação concretizou-se apenas em distribuir livros de acordo com o gosto do leitor/aluno, pois agora já poderíamos considerá-lo leitor, frente a todo o trabalho desenvolvido até o momento e também apto a escolher o seu livro, pois teve acesso a diferentes gêneros literários. Cada turma escolheu um autor; cada aluno leria três livros de cada escritor escolhido e apresentaria um seminário para falar da obra ressaltando: biografia, temática, materialização da obra (capa e material utilizado – o tipo de papel), edição, ano da primeira edição, editoras, momento histórico da obra, foco narrativo e responderiam as seguintes perguntas: “Por que ler a obra?”, “O que me chamou mais atenção?”, “Por que não ler, em minha opinião, essa obra?”.

Roger Chartier visa recuperar o funcionamento dialético do processo: atravessado pelas práticas vigentes no meio em que vive, o leitor as absorve e as reproduz; mas a incorporação delas dá-se sob a forma de interpretação, de modo que, ao fazê-lo, ele interfere sobre o mundo posto à sua frente. (ZILBERMAN, p. 84, 2001)

Após a leitura e o seminário na sala de aula de diferentes livros do autor escolhido, cada turma faria uma apresentação na feira **FLIR**, “Feira Literária de Irupi”. Esse seria o ponto culminante do Projeto, que nasceu justamente depois de todas essas ações que tiveram um efeito fabuloso. Assim aconteceu todo o processo de desenvolvimento do trabalho, no qual os alunos escolheram o autor, leram as obras desejadas, sabendo o porquê de não querer ler tal obra e, assim, foram se encantando pelos livros.

Na apresentação, foi realizada uma divisão dos autores e obras para facilitar o trabalho no decorrer da feira, porém, ressaltamos que foram escolhidos pelos próprios alunos.

5^a etapa – Esse foi o ponto culminante do Projeto e ocorreu no período de 11 a 16 de agosto de 2014. Nos dias 11 e 12 de agosto, os alunos prepararam todo espaço para a apresentação da feira à comunidade escolar e local, com salas temáticas que enriqueceram todo o trabalho desenvolvido. As salas foram cuidadosamente decoradas de acordo com o tema e o livro escolhido pelo aluno. Foram salas que, ao entrar, o visitante sentia-se dentro do livro. As dificuldades encontradas foram superadas e solucionadas pelos estudantes, porque não houve material nem verba suficiente para ilustração; o espaço escolar era limitado pelo fato de a escola encontrar-se em reforma, e os alunos tiveram que ficar na escola nos três turnos. Foi feita uma parceria com a prefeitura de Irupi que

ajudou no transporte, hospedagem e alimentação dos convidados e a Câmara Municipal cedeu espaço para que fossem ministradas as palestras dos escritores convidados Pedro J. Nunes e Wilson Coelho e o presidente da Academia Iunense de Letras José Olímpio. O momento foi importante, pois os alunos tiveram oportunidade de discutir o papel do escritor, os problemas enfrentados para editar um livro, como surge a profissão de escritor, quais são os maiores desafios encontrados na sociedade por um escritor. Houve a participação da escola municipal com várias apresentações da obra de Vinícius de Moraes, com alunos da rede municipal e distritos, visitando as salas temáticas e também apresentações culturais realizadas pelos alunos da escola.

Depoimento de Alunos

Minha experiência de leitura iniciou quando a professora Adileusa propôs que a nossa turma fizesse a leitura de Dom Casmurro. Confesso que foi a primeira experiência real, pois antes a minha leitura era porque tinha avaliação e só pensava em nota. Porém a leitura de Dom Casmurro foi diferente, apesar de ser muito intensa, onde eu tive uma grande dificuldade de compreender e interpretar. Além disso, o autor fazia várias citações de Otelo, obra de Willian Shakespeare. Então, tive que ler Otelo para compreender o que o autor queria passar em Dom Casmurro. Foi a partir dessas leituras que se iniciou a FLIR e, a partir da feira, eu percebi o quanto a leitura é importante em nossas vidas e o quanto nós podemos questionar a sociedade e adquirir cultura através de um livro.

Aluna: Kelly Silva – 2º EM V02

Minha experiência de leitura começou quando a professora Adileusa nos apresentou o livro “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes. O objetivo era aguçar o conhecimento, acordar aquilo que estava dormindo: a vontade de ler. Quebrando o mito de que ler não era bom, ler fazia mal, deixava louco. Surgiu a ideia de uma feira literária, a FLIR, o evento ganhou uma proporção gigantesca nos apresentando novas ideias de leitura, novos modos de entender o que foi lido. A FLIR mudou muito a vida de todos e abriu minha mente mostrando que conhecimento é essencial e só iremos adquiri-lo lendo.

Aluno: Guilherme Nascimento Faria – 1º EM V02

Minha experiência de leitura começou quando a professora de Português/ Literatura propôs para nossa turma ler o livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell. Um ótimo livro, onde conseguimos trazer a leitura para o nosso dia a dia. Logo após a leitura deste livro, a professora trouxe para nós o clássico “Pequeno Príncipe”, onde fizemos um seminário e montamos a sala temática na “FLIR”. Durante a FLIR ao ouvir palestras, e interessei mais pela leitura. Após a feira literária, Adileusa trouxe novamente mais livros para leremos e o meu entendimento e que a minha turma se desenvolveu. Ganhamos conhecimento que só através da leitura poderíamos conhecer.

Aluna: Thais Cristina Rosa de Lima – 8ª EF V 03

Referências

CHARTIER, Roger. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216.

_____. A História Cultural: Entre práticas e representações. Tradução de Maria Gabriela Galhardo. In: _____. *Memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Revista VEJA. Edição 2377 – Ano 47 – n. 24 – 11 de junho de 2014. p. 100-101.

Revista VEJA. Edição 2374, de 21 de maio de 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.